

**JOSÉ CARLOS COMPLETO e
MÓNICA CORTESÃO GONÇALVES**

**PATRULHA
LQBO**

NA FLORESTA SECRETA





À ESPERA DA AVENTURA

Nunca mais vamos!
— Tem calma, Ivo! Deixa os chefes falarem... — refila Ana.

A patrulha Lobo já se encontrava inquieta à espera da autorização para arrancar na próxima aventura. Estavam impacientes, na sede dos escuteiros, à espera que lhes dessem a autorização para irem para o comboio.

— Este fim de semana vão fazer um raide, como sabem — inicia Pedro o seu discurso, o chefe do grupo dos escuteiros. — Têm de ter o máximo de cuidado, uma vez que cada patrulha vai estar sozinha durante muito tempo.

— Tenham atenção a tudo, e se houver alguma situação que considerem mais perigosa, voltem imediatamente para trás. Nunca se esqueçam, a segurança acima de tudo! — ordena a chefe Guida, a chefe adjunta.

— Está bem, está bem! Já sabemos, vamos lá embora...
— sussurra Ivo.

— Chiu! — ralha Marta, irritada.

— Oh! — amua Ivo.

— Vamos entregar a cada guia de patrulha oito envelopes e um mapa — continua o chefe Pedro. — Terão de seguir o mapa e, onde está assinalado cada posto de paragem, abrem o envelope correspondente, para que possam ler a mensagem e efetuar a missão que vos é destinada. Está tudo preparado para que tenham quatro missões no sábado e quatro no domingo, mas isso vai depender da vossa rapidez. Terão também de fazer um relatório de toda a atividade, por isso tenham em atenção por onde vão, por quem passam, o que veem à vossa volta, e podem, inclusive, fazer perguntas aos habitantes.

— Vão andar quilómetros de mochila às costas, aproveitem cada paragem para descansar, observar o que vos rodeia e fazer o relatório — diz a chefe Guida. — Antes de anoitecer têm de montar um abrigo para passar a noite e fazer o jantar em cozinha selvagem.

— O raide não é galgar quilómetros, mas sim ir observando a natureza por onde passam, por isso aproveitem bem a atividade! — instiga o chefe Pedro.

— Já sabem, nunca podem chegar à sede dos escuteiros depois das seis horas da tarde de domingo, e depois vemos quem conseguiu responder melhor a todas as perguntas.

— E os relatórios já não são precisos fazer? — pergunta Ivo, alegre.

— São Ivo — responde o chefe Pedro. — Mas só os podemos ler na semana seguinte, depois de os terminarem em casa.

— Agora vamos todos para o comboio, e depois

cada patrulha sai na sua estação de destino — termina a chefe Guida. — Divirtam-se!

A patrulha Lobo seguiu a pé até à estação do comboio, acompanhada das patrulhas Tigre, Mocho, Esquilo e dos chefes Guida e Pedro. O comboio começou a andar e as quatro patrulhas, com os chefes, iam divertidas com cantorias típicas dos escuteiros, que animaram toda a carruagem. Separaram-se apenas nas estações do comboio, que eram diferentes para cada patrulha.

— Finalmente sós! — ri-se Ivo, depois de sair da estação do comboio.

— Tu hoje estás impossível, Ivo!

— Oh Marta, estou tão entusiasmado com o raide que queria ir logo, estávamos a perder muito tempo...

— Entusiasmado! — corrige Ana.

— Isso! — responde Ivo a rir.

— Vamos lá então ver por onde nos leva este mapa — diz Miguel, abrindo o mapa que lhe fora confiado.

Guilherme retira a bússola da sua mochila e junta-se a Miguel na análise do mapa.

— Bem, parece ser sempre em frente e não demoramos mais de trinta minutos até ao primeiro local — esclarece Miguel.

Seguiram a cantarolar pela berma da estrada até chegarem ao primeiro destino assinalado, uma pequena aldeia com pouquíssimas casas térreas e poucas pessoas à vista.

— Abre, abre!

— Calma, Ivo — ri-se Miguel. — Já estou a abrir o primeiro envelope.

Os quatro escuteiros rodearam Miguel enquanto este lia a primeira mensagem.

— “Qual o instrumento típico da aldeia e porquê?”

— Como vou eu saber?! — exclama Ivo, irritado.

— Perguntando, claro! — goza Marta, olhando em redor.

— Está ali um senhor — diz Ana, apontando para um homem sexagenário de boina e ar verdadeiramente simpático.

Correram empolgados, os cinco, na direção do senhor que os recebeu com um sorriso largo.

— Com tanta correria ainda caem todos espalhados no chão e depois seria um problema para vos apanhar. Sabem, é que aqui não temos bombeiros, e depois? Como seria para vos levantar? — gargalha, bem disposto, o homem.

Os amigos sorriem de volta e não se demoram a fazer a pergunta.

— Sabe dizer-nos qual o instrumento típico desta aldeia e porquê?

— Ora essa, se sei... Se não soubesse já me tinham levado preso — continua o homem a rir-se.

— E então? — apressa Ivo, levando um olhar reprovador dos amigos no segundo seguinte.

— Vocês sabem que aldeia é esta?

— Não! Respondem os cinco em uníssono.

O homem solta uma gargalhada contagiante.

— Claro que não sabem, senão não me faziam tal pergunta...

A patrulha Lobo entreolhou-se, confusa.

— Venham comigo — ordena o homem, avançando em passo apressado por entre as casas simples e bem pintadas de cores diferentes e garridas.

Caminharam poucos minutos sem perceber o que

o homem lhes queria mostrar, até que um edifício pouco maior que as casas por onde haviam passado surge imponente.

— O que é isto? — pergunta Ivo, baralhado.

— É onde se faz o azeite — responde o homem.

— Azeite? — questiona Marta.

— Isso mesmo. Esta aldeia foi construída há séculos, mas antes era uma grande quinta, e os proprietários dessa quinta produziam azeite para o mundo inteiro...

— E depois? — pergunta Miguel, curioso.

— Com o passar do tempo a quinta tornou-se aldeia e todos nós temos um pouco de terra onde cultivamos a azeitona e a transformamos em azeite neste grande e moderno lagar.

— Que giro! — sorri Ivo. — Mas... E qual é o instrumento típico da aldeia?

Os restantes riem-se com a confusão de Ivo.

— O próprio lagar, claro! — responde o homem. — Sem ele não poderíamos produzir o azeite, não é?

— Ah! Pois é... — responde Ivo.

— Venham, vou dar-vos umas azeitonas maravilhosas para comerem pelo caminho.

— Que bom! Adoro azeitonas! — grita Marta, eufórica.

O homem deu um saco cheio de azeitonas de várias cores que Marta manteve nas mãos com satisfação.

— Nós, além de produzirmos o azeite, também vendemos azeitonas.

— Ah que bom, podemos apanhar mais azeitonas das oliveiras? Assim a Marta fica sossegada durante mais tempo — ri-se Ivo, fazendo uma careta cómica e olhando de soslaio para Marta.

— Engraçadinho, vê lá se te cai o dentinho da frente — riposta Marta, com um ar de malandra, com duas azeitonas na boca.

— As azeitonas que ainda estão nas oliveiras não estão prontas a comer. Primeiro têm de ser curtidas e só depois ficam boas para comer, senão são demasiado azedas.

— Curtidas? Ca fixe! — goza Ivo.

— São curtidas em água durante uns três meses e depois em salmoura.

— Salmoura? — pergunta Guilherme, curioso.

— É uma mistura que leva essencialmente água, sal, vinagre de vinho e ervas a gosto. Esta mistura cobre as azeitonas durante as semanas que se quiser, até obter o paladar desejado.

— Que giro! — responde a patrulha Lobo em coro.

Despediram-se e agradeceram ao homem simpático, voltando a atenção para o mapa.

— Esperem, enquanto a Marta devora as azeitonas — sorri Ana, na direção de uma Marta delirante. — Deixem-me fazer apontamentos para o relatório.

— Boa ideia — concorda Guilherme. — É melhor escrevermos já, antes que nos esqueçamos de alguma coisa...

— Estado do tempo? — pergunta Ana.

— Sol e quente — responde Ivo.

— Local?

— Aldeia simpática cheia de azeitonas deliciosas — responde Marta a trincar uma azeitona.

Os amigos gargalharam.

— Vegetação?

— Casas e oliveiras... — responde Guilherme.

- Mais? Trânsito?
- Burros e carroças — responde Ivo.
- O quê? — perguntam os quatro em conjunto.
- Então... E uma aldeia tem burros e carroças...
Os amigos riram-se com vontade.
- Tu és demais, Ivo — diz Guilherme.
- O que foi? — pergunta Ivo, amuado pela gozação.
- Não é verdade?
- Até podem ter burros e carroças, mas têm de certeza carros e tratores! — explica Miguel.
- Oh! — continua Ivo, amuado.
- Bem, já chega de relatório, esta acabou comigo —
confessa Ana.
- Vamos então avançar para o próximo posto, que
estou curioso... — diz Miguel.



MENSAGEM MISTERIOSA?

Lê lá a mensagem, Miguel, vamos!
— Não, Ivo.
— Porquê, Miguel?

— Porque primeiro temos de caminhar até ao próximo destino, só depois abro o envelope, são assim as regras!

— E desde quando é que nós seguimos todas as regras? — insiste Marta, com o seu típico ar de traquina.

— O Miguel tem razão — defende Guilherme. — De que vale ler a mensagem se apenas podemos fazer alguma coisa quando chegarmos ao local?

— Olhem! O que eu sei é que estamos a perder muito tempo com esta conversa, quando já podíamos estar a caminho da próxima mensagem... — intromete-se Ana.

— Pois é! — lembra-se Ivo. — Temos de nos despachar, não nos podemos atrasar!

Ana consegue apaziguar a conversa e Miguel abre de imediato o mapa, analisando-o minuciosamente com a ajuda de Guilherme e a sua bússola.

— Vamos seguir caminho, devemos demorar mais quarenta minutos, talvez — esclarece Guilherme.

Caminharam mais um pouco até que chegaram ao segundo posto. Miguel abre o segundo envelope e lê-o para os amigos.

— “Encontra o animal escondido e alimenta-o com o que ele mais gosta.”

— Animal escondido? — pergunta Marta, tentando observar o que os rodeava.

A segunda paragem fora feita à entrada da floresta, onde humanos, plantas e animais coabitavam em grande quantidade.

À sua frente tinham uma floresta densa, que adivinhavam ter de atravessar para o próximo posto. Mas o solo que pisavam agora era alcatrão, estavam num passeio cuja berma dava para uma estrada com alguns carros em movimento.

— Bem — raciocina Guilherme —, temos de encontrar um animal que não esteja à vista das pessoas com facilidade, não pode ser, por exemplo, um cão ou um gato.

— E para termos de o alimentar com o que mais gosta, é algo muito específico — continua Ana o raciocínio. — Assim que soubermos o animal, sabemos logo qual é o alimento.

— Que mensagem tão estranha e mistrosa... — diz Ivo com uma careta.

— Misteriosa?! — corrige Ana.

— Claro que sim, isso! Mas é, não é? — continua Ivo.

— Não! — corta Marta. — Já tivemos bem piores...

— Nem me lembres! Já tivemos cada uma mais complicada, os chefes às vezes passam-se! — brinca Guilherme.

— O pior ainda são as mensagens que perdemos, ou mesmo as que não são dos chefes e encontramos sem querer... — diz Miguel, nostálgico.

— Essas são as mais perigosas! — termina Ana.

— Olhem! — grita Marta. — Mas agora estamos aqui à procura do animal misterioso, vamos lá encontrá-lo.

A patrulha Lobo olhou em redor à procura de pistas, mas nada encontrou no local onde se mantinham parados.

— Temos de procurar! — ordena Marta.

— Se calhar o melhor mesmo é perguntar a alguém... — sugere Ivo. — Aqui há tantas pessoas!

— E o que lhes vais perguntar? — questiona Marta, irónica. — Qual é o animal que tem aqui escondido?

— Oh! — amua Ivo.

— Não podemos deitar fora essa hipótese, se calhar vamos mesmo ter de pedir a alguém que nos ajude... — corta Miguel.

— Vês! — ri-se Ivo, levando de imediato uma língua de fora de Marta, que continuava a sorrir.

As casas que viam eram mais elaboradas que as anteriores, eram maiores e mais requintadas e as pessoas tinham um ar de férias e não de trabalho. Mas animais escondidos, nem rasto encontravam.

— Que raio de animal é este que está tão escondido? — questiona-se Ivo, já irritado.

— Temos de ter mais paciência — atenua Miguel.

— Já vimos mais na parte da vila, se calhar agora estudamos a entrada da floresta — propõe Ana.

— Boa ideia — concorda Guilherme.

Aproximaram-se da entrada da floresta que estava

bem delineada pela linha de árvores robustas que formavam uma cerca transponível.

— E agora? — pergunta Ivo, impaciente.

— Agora olha para o chão com o Gui, que eu a Marta e a Ana vemos as árvores.

Durante mais alguns minutos procuravam o que não sabiam, até que, finalmente, algo capta as suas atenções.

— Olhem, ali! — grita Marta.

— Onde? — perguntam os quatro amigos em unísono.

— Ali, vi um esquilo a descer a árvore e a entrar no chão — diz Marta a apontar para um pequeno buraco que surgia na terra.

— Era um esquilo? — questiona Miguel.

— Sim, tenho a certeza! É um *sciurus*.

— Um cio quê? — pergunta Ivo, incrédulo.

— O nome científico do esquilo é *sciurus* — esclarece Marta com um sorriso.

— Pronto, ganhaste Marta, nós acreditamos em ti — ri-se Guilherme.

— E agora? — questiona Ivo.

— O que é que os esquilos mais gostam de comer? — pergunta Ana, sorridente.

— Bolotas — respondem Marta, Miguel e Guilherme em conjunto.

— E todos sabem disso, claro! — diz Ivo, irónico, por não saber a resposta como os amigos.

Rapidamente se puseram a analisar o chão à procura de bolotas e em poucos segundos já tinham sete, ao todo.

— A questão agora é como lhe damos as bolotas...

— Pois, Ana, é verdade, porque os esquilos são muito rápidos — responde Marta.

— E se lhas puséssemos dentro do buraco — propõe Miguel.

— É uma ótima ideia — concorda Marta, sorridente. — Até porque os esquilos apanham as bolotas e armazenam-nas dentro das casas que constroem debaixo do solo, para terem comida durante o inverno que não tarda a chegar, assim estamos a ajudá-lo, é só ele organizar a casa...

— Vamos lá! — instiga Ana.

Divertiram-se a colocar as bolotas dentro do buraco feito arditosamente na terra, e depois a ver as bolotas desaparecerem uma a uma, sentindo o agradecimento do esquilo que não voltaram a ver.

— Agora tem de ser! — exclama Ivo a tirar a mochila das costas.

— Tem de ser o quê? — pergunta Ana.

— Ora Ana, tem de ser comida! — ri-se Guilherme, contagiando os demais.

Sentaram-se todos no chão da floresta formando um círculo, e aproveitaram para descansar um pouco e petiscar, enquanto Ivo comia uma valente refeição.

— Ainda tens até amanhã ao fim da tarde para comer, sabes disso, não sabes? — pergunta Ana.

— Sei, e a minha mãe também sabia... — responde Ivo, satisfeito.

— Típico, a tua mãe trouxe comida para ti e para nós todos, não foi? — pergunta Guilherme.

— Claro! — esclarece Ivo. — Querem sandes de queijo, salsicha, ovo ou chourição?

Os amigos riram-se.

— Olha, dá-me uma sandes de chourição, que partilho com o Gui — pede Miguel.

— E as meninas? — pergunta Ivo, virando-se para as amigas.

— Pode ser uma de queijo, que também dividimos... — responde Ana.

As sandes foram acompanhadas de batatas fritas e sumo, tudo trazido por Ivo e preparado pela sua exagerada e carinhosa mãe.

— Depois partilhamos contigo a nossa comida — afirma Ana.

— Não te preocupes, esta que trago chega para todos até amanhã.

Mais gargalhadas ecoaram na floresta densa e habituada à calmaria.

— Não te esqueças de que logo temos de fazer cozinha selvagem, nada de batota — avisa Miguel.

— A sério? Tenho aqui tanta coisa boa, têm a certeza que desta vez não podemos fazer um pouco de batota?

— Não!